

TRADUÇÃO

DISCURSO SOBRE A QUESTÃO: QUAL É A VIRTUDE MAIS NECESSÁRIA AO HERÓI E QUAIS FORAM OS HERÓIS QUE NÃO POSSUÍRAM ESSA VIRTUDE?

Jean-Jacques Rousseau

(Tradução, Apresentação e Notas de Rafael de Araújo e Viana Leite¹)

Apresentação

O texto aqui traduzido, que será chamado a partir de agora de *Discurso sobre a virtude heroica*, faz parte das obras completas de Jean-Jacques Rousseau, figurando entre a *Miscelânea de Literatura e Moral*.² Essa Miscelânea é bem diversificada, de modo que o leitor, em acordo com a introdução de Charly Guyot (ROUSSEAU, 1964, p. CI), encontrará peças literárias de valor desigual. Algumas estão, de fato, inacabadas e outras são bem curtas; no entanto, há textos que foram cuidadosamente redigidos pelo autor e apresentam importância considerável. Tal seria o caso do *Discurso sobre a virtude heroica*.

Jean-Louis Lecercle, porém, tem outra opinião sobre a qualidade do discurso. No livro *Rousseau et l'art du roman*,³ ele dispensa a análise da obra, pois encontraríamos ali “*ideias confusas e pouco coerentes (...)*” (LECERCLE, 1969, p. 56, nota 47).⁴ Para defender o ponto, o

¹ Doutorando em Filosofia pela UFPR, bolsista CAPES-Demanda Social, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Brandão. Participa, desde 2009, do *Grupo de Estudos das Luzes - UFPR*, coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Brandão. É membro estudante do *Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Jean-Jacques Rousseau - UFG*, coordenado pelo Prof. Dr. Renato Moscateli. Email: rafael_vianaleite@hotmail.com. Gostaria de agradecer à Kamila Babiuki, primeira leitora do manuscrito cuja versão final é agora apresentada, o Prof. Dr. Thomaz Kawauche que, muito gentilmente, leu a tradução e fez importantes correções e melhorias ao texto, e o Prof. Fabio Antônio da Silva, que se dispôs prontamente a ajudar.

² ROUSSEAU, JEAN-JAQUES. ‘Discours sur cette question: quelle est la vertu la plus nécessaire au héros’, In: *Ouvres complètes, Mélanges de littérature et de morale*. pp. 1262-1274. Tome II. Paris: Édition Gallimard, 1964. Também consultamos o texto na edição das obras completas de Rousseau datada de 1835. Ver: ‘Discours sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire aux héros, et quels sont les héros à qui cette vertu a manqué?’, In: *Oeuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau - Les Confessions, Discours, Politique*. pp. 511-517. Tome I. Paris: Furne Libraire-éditeur, 1835.

³ LECERCLE, JEAN-LOUIS. *Rousseau et l'art du roman*. Paris: Librairie Armand Colin, 1969.

⁴ Todas as citações de livros em francês foram traduzidas por nós.

comentador usa como exemplo duas afirmações aparentemente confusas a respeito do objetivo do herói. O problema apontado é que ora seu objetivo seria “*a felicidade dos homens (...)*” (ROUSSEAU, 1964, p. 1263), ora “*sua glória pessoal (...)*” (ROUSSEAU, 1964, p. 1265). Se entendermos, contudo, o contexto em que as afirmações estão contidas, essa confusão parece se desfazer.

Quando Rousseau diz, logo no início do texto em questão, que a felicidade dos homens é o objetivo do herói - qualificado como o ‘verdadeiro herói’ -, o autor ainda está às voltas com certa concepção sobre o heroísmo que ele criticará. Rousseau vai, de fato, operar um deslocamento de registro em relação à finalidade da ação dos heróis, mas isso não implica em confusão. A segunda afirmação citada apresenta-se de partida como um acerto de contas com a primeira; vejamos na íntegra a sentença na qual ela está inserida: “*Não dissimulemos nada. A felicidade pública é bem menos o fim das ações do herói do que um meio para alcançar aquilo a que ele se propôs, e esse fim é quase sempre sua glória pessoal*”. (ROUSSEAU, 1964, p. 1265). Há uma importante diferença entre as afirmações que precisa, sim, ser notada, mas não parece haver incoerência. A felicidade dos homens continua sendo o resultado possível das ações dos heróis, contudo, ela deixa de ser considerada como seu objetivo final (1º afirmação) e passa a ser vista simplesmente como um meio (2º afirmação).

Esse deslocamento é promovido pelo movimento argumentativo do texto, que vai ampliando a questão investigada. Defendemos, então, que as afirmações são coerentes entre si porque a glória pessoal e a felicidade pública ainda podem ser irmanadas, a depender das ações do verdadeiro herói. Talvez seja justamente ele que justifica a exceção “*quase sempre*” da citação anterior. Além disso, caso Rousseau tenha, de fato, revisitado a primeira afirmação de posse de outra perspectiva mais próxima à sua (“*não dissimulemos nada*”), a coerência continua sendo garantida. O que não podemos fazer, como diz Rousseau, é representarmos o heroísmo “*pela ideia de uma perfeição moral que não lhe convém de modo algum (...)*” (ROUSSEAU, 1964, p. 1265). O autor tenta mostrar, portanto, que a felicidade dos homens - ainda que seja um resultado possível da ação do herói - normalmente é um objetivo apenas superficial, apoiado muitas vezes por outro mais profundo, a saber, sua glória pessoal.

*

A ocasião para desenvolver o tema sobre a virtude dos heróis apareceu a Rousseau na forma de um concurso, como foi o caso do *Discurso sobre as ciências e as artes*, mas dessa vez quem ofereceu o prêmio foi a Academia da Córsega, localizada em Bastia; outra diferença digna de nota é a de que se tratava de um concurso de eloquência, e não de moral, como o que deu ocasião à redação do chamado primeiro *Discurso*. Os competidores, na ocasião, deveriam responder a seguinte questão: “Qual a virtude mais necessária ao herói e quais foram os heróis que não possuíram essa virtude?” Rousseau escreveu um

discurso para concorrer ao prêmio, mas não chegou a submetê-lo. Quatro anos mais tarde, com a ajuda do editor Marc-Michel Rey, ele pensou em publicá-lo, anexando uma advertência à obra, contudo, a publicação não se concretizou.

Foi somente no inverno 1768, na cidade de Lausanne, e sem a permissão de Rousseau, que o texto veio a lume. Apesar da indignação do autor frente à publicação, vale ressaltar o rigor com o qual Rousseau avaliou a obra, algo frequente em relação à sua abordagem frente aos textos que saíram de sua pena. Relembremos, por exemplo, o primeiro *Discurso*. Rousseau foi bastante severo para com ele.⁵ No oitavo Livro das *Confissões* ele declara: “E essa obra, entretanto, cheia de calor e de força, carece absolutamente de lógica e de ordem; de tudo o que me saiu da pena, é o mais fraco de raciocínio e o mais pobre de número e harmonia (...)” (ROUSSEAU, 2008, p. 324).⁶ Não foi diferente com o *Discurso sobre a virtude heroica*. Tratar-se-ia de uma peça ruim e que responderia a uma questão frívola. Forte taxaço quando bem compreendida não relativiza a importância da obra tanto quanto nos ajuda a entender importantes aspectos do pensamento de Rousseau. A questão é frívola porque interessa menos, do ponto de vista político e moral falar dos heróis, caso de exceção, do que falar sobre como se devem formar cidadãos virtuosos. Até mesmo porque, na maioria dos casos, como bem mostra o texto, há uma forte distinção entre o herói e o cidadão virtuoso. O *Discurso sobre a virtude heroica*, agora vertido em português, tem sua importância ressaltada, portanto, pelo fato de tratar temas como a questão da virtude, do vício e sua ligação com as ações dos grandes homens em sociedade.

Para concluir, retomemos a avaliação negativa de Lecercle. Ele concede que Rousseau, mesmo considerando a peça ruim, não a destruiu. Podemos acrescentar que isso por si só legitima a leitura atenta da obra. Quem sabe esse texto possa até, apesar de não comportar a mesma força retórica e o mesmo grau de profundidade filosófica do *Discurso sobre a desigualdade*, reivindicar o seu lugar como autêntico, em uma perspectiva temporal, segundo *Discurso*, de Jean-Jacques Rousseau.

⁵ Outro exemplo seria a *Carta a D'Alembert*; no Prefácio do texto Rousseau declara: “Não ignoro o quanto esse texto, tão longe do que ele deveria ser, está longe do que teria podido fazer em dias mais felizes.” ROUSSEAU, JEAN-JACQUES. *Lettre à D'Alembert*. Paris: Flammarion, 2003.

⁶ ROUSSEAU, JEAN-JACQUES. *Confissões*. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2008.

TRADUÇÃO

Questão proposta em 1751 pela Academia de Córsega.

ADVERTÊNCIA.

Esta peça é bem ruim, senti isso de tal modo depois de tê-la escrito que nem sequer me dignei a enviá-la. É mais fácil fazer menos mal ao tratar desse tema do que algum bem, pois jamais haverá boa resposta para questões frívolas. Essa é sempre uma lição útil a ser tirada de um escrito ruim.

DISCURSO

Se eu não fosse Alexandre, dizia o Conquistador, gostaria de ser Diógenes.⁷ O filósofo teria dito que se não fosse quem era preferiria ser Alexandre. Duvido disso, seria mais fácil um Conquistador aceitar ser sábio do que um sábio, por sua vez, ser um Conquistador. Mas que homem no mundo, exceto o sábio, não consentiria ser herói? Pode-se perceber, então, que ao heroísmo pertencem virtudes independentes da fortuna, mas que precisam dela para se desenvolver. O herói é obra da natureza, da fortuna e dele mesmo, para bem defini-lo é preciso assinalar o que ele deve a cada uma dessas três fontes.

O sábio possui todas as virtudes, o herói compensa a ausência das que lhe faltam pelo esplendor daquelas que ele possui. As virtudes do primeiro são moderadas, mas ele é isento de vícios; se o herói tem defeitos, eles são eclipsados pelo esplendor das suas virtudes; o primeiro é sempre verdadeiro e sem qualidades ruins, o segundo é sempre grandioso e não possui nenhuma que seja medíocre. Ambos são firmes e inquebrantáveis, mas de maneiras distintas e em relação a coisas diferentes. Um cede apenas pela razão, o outro apenas por generosidade. O sábio desconhece fraquezas tanto quanto o herói

⁷ Trata-se de Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.), que foi discípulo de Aristóteles em sua infância, depois tornou-se um grande general, rei da Macedônia. Bem conhecido por seus feitos militares, com menos de trinta anos formou um Império cuja extensão ia do sudeste da Europa até a Índia. Diógenes, o Cínico (412 ou 404 a.C.-323 a.C.), nascido em Sinope, se mudou para Atenas onde empreendeu, com seu estilo despojado e confrontador, uma contundente crítica aos costumes atenienses. Diz-se que ele vivia de maneira rústica, fazendo de um barril a sua casa. O episódio a que Rousseau se refere diz respeito à anedota contada por Plutarco, no capítulo XIV da biografia de Alexandre. Certo dia, o grande conquistador foi visitar o famoso filósofo - que tomava um banho de sol - e perguntou, colocando-se entre Diógenes e a luz do sol, se ele precisava de alguma coisa, ao que o filósofo cínico respondeu: 'sim, afasta-te um pouco do meu sol'. Tal atitude surpreendeu o general que depois disse aos seus oficiais: 'se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes.'

desconhece a covardia, e a violência não tem mais poder sobre a alma deste do que as paixões sobre a alma do outro.

Há mais solidez, portanto, no caráter do sábio e mais esplendor no que diz respeito ao herói. A preferência se encontraria decidida em favor do primeiro se eles fossem tomados apenas em si mesmos, mas se nós os encararmos em relação ao interesse da sociedade, novas reflexões produzirão rapidamente outros julgamentos e devolverão às qualidades heroicas a preeminência que lhes é devida e que foi concedida, de comum acordo, em todos os séculos.

A preocupação por sua própria felicidade é, de fato, toda a ocupação do sábio e isso é suficiente para satisfazer a tarefa de um homem comum. O olhar do verdadeiro herói tem maior alcance, seu objetivo é a felicidade dos homens e é para esse sublime trabalho que ele consagra a grande alma que recebeu do céu. Os filósofos, confesso, pretendem ensinar aos homens a arte de ser feliz, e como se devessem esperar a formação de uma nação de sábios pregam aos povos uma felicidade quimérica que eles mesmos não possuem, cuja ideia e gosto os homens jamais apreenderão. Sócrates viu e lamentou os infortúnios de sua pátria, mas foi Trasíbulo⁸ o encarregado de aniquilá-los. Platão, depois de ter desperdiçado sua eloquência, sua honra e seu tempo na corte de um tirano foi obrigado a abandonar a outra pessoa a glória de libertar Siracusa do jugo da tirania.⁹ O filósofo pode dar algumas instruções salutares ao universo, mas suas lições nunca corrigirão nem os grandes que as desprezam nem o povo que não as entende. Os homens não se governam por vias abstratas; somente são tornados felizes se forem constrangidos a sê-lo, e é preciso fazê-los experimentar a felicidade para que eles a amem: eis a ocupação e os talentos do herói. É frequentemente com a força da mão que ele se coloca em condição de receber as bênçãos dos homens, os mesmos que ele constrange a carregar o jugo das leis para, enfim, lhes submeter à autoridade da razão.

De todas as qualidades da alma o heroísmo é, portanto, aquela que mais importa aos povos que seus governantes estejam revestidos. É a coleção de um grande número de virtudes sublimes, raras em conjunto, mais ainda por sua energia e tão mais raras que o próprio heroísmo que elas constituem; isento de todo interesse pessoal, o heroísmo não tem por objetivo outra coisa que não seja a felicidade dos homens e por prêmio sua admiração.

Não disse nada sobre a legítima glória devida às grandes ações. Não falei da força de gênio nem das outras qualidades pessoais necessárias ao herói e que mesmo não sendo virtudes concorrem frequentemente mais do que elas para o sucesso de suas grandes ações.

⁸ Trasíbulo (440 a.C.-388 a.C), general ateniense, viveu na época em que Atenas e seus aliados foram derrotados na Guerra do Peloponeso. Durante o domínio espartano, ele ajudou a expulsar de Atenas os trinta Tiranos.

⁹ Platão foi até Siracusa, entre 388 a.C. e 361 a.C. para empreender um projeto político, no entanto, não teve sucesso e quase foi vendido como escravo.

Para colocar o verdadeiro herói em seu lugar¹⁰ não recorri senão a este princípio incontestável: aquele entre os homens que se mostra mais útil aos outros é o que deve ser o primeiro de todos. Não temo que os sábios tomem uma decisão fundada sobre essa máxima.

É verdade que se apresenta nessa maneira de encarar o heroísmo, e me apresso em admiti-lo, uma objeção que parece tanto mais difícil de resolver por ser tirada do assunto em si mesmo.

Os antigos diziam que não eram necessários dois sóis na natureza nem dois Césares sobre a terra. O heroísmo, de fato, é como aqueles metais procurados cujo preço consiste em sua raridade, e cuja abundância torná-los-iam perniciosos ou inúteis. Aquele que por seu valor pacificou o mundo teria antes o devastado se ele tivesse encontrado um único rival digno dele. Tais circunstâncias podem tornar um herói necessário para a salvação do gênero humano, mas em qualquer tempo que seja um povo de heróis lhe seria infalivelmente a ruína, e parecido aos soldados de Cadmo,¹¹ logo se destruiriam a si mesmos.

A multiplicação dos benfeitores do gênero humano, dir-me-ão, poderia então ser prejudicial para os homens, pode haver pessoas em excesso que trabalham para felicidade de todos? Sim, sem dúvida, eu responderia, quando eles se comportam mal ou quando se ocupam apenas com a aparência. Não dissimulemos nada. A felicidade pública é bem menos o fim das ações do herói do que um meio para alcançar aquilo a que ele se propôs, e esse fim é quase sempre sua glória pessoal. O amor pela glória tem feito inumeráveis bens e males, o amor pela pátria é mais puro em seu princípio e mais seguro em seus efeitos. O mundo também tem sido frequentemente sobrecarregado de heróis, mas as nações jamais tiveram cidadãos em número suficiente. Há bastante diferença entre o homem virtuoso e aquele que possui virtudes. As do herói raramente têm como fonte a pureza da alma e semelhante a essas drogas salutares, mas pouco atuantes se não forem animadas por saís acres e corrosivos, dir-se-ia que as virtudes do herói necessitam do concurso de alguns vícios para tornarem-se ativas.

Não é necessário representar o heroísmo, portanto, pela ideia de uma perfeição moral que não lhe convêm de modo algum, mas como um composto de qualidades boas e más, benéficas ou nocivas segundo as circunstâncias, combinadas em uma proporção que o resultado é frequentemente mais fortuna e glória para aquele que as possui e, em

¹⁰ No original 'rang', tem o sentido de posição ocupada em certa hierarquia, por exemplo, social, seja por causa do nascimento, cargo ou da fortuna.

¹¹ Segundo narra a lenda, Cadmo matou o dragão - enviado por Ares - que guardava uma importante fonte de água. Depois de vencê-lo, semeou seus dentes e deles nasceram guerreiros armados que combateram entre si. Somente cinco sobreviveram e com eles Cadmo fundou a cidade de Tebas. Essa história é contada por Ovídio, na obra *Metamorfoses*, logo no início do Livro III.

alguns casos, traz até mesmo mais felicidade para os povos do que uma virtude que fosse mais perfeita.

Desenvolvendo essas questões percebemos que pode haver virtudes contrárias ao heroísmo, outras que lhes sejam indiferentes e ainda aquelas que são mais ou menos favoráveis segundo suas diferentes relações com a grande arte de subjugar os corações e de arrebatá-la admiração dos povos. O herói deve possuir ainda, entre essas últimas, alguma que lhe seja a mais necessária, mais essencial, mais indispensável e que lhe caracterize de alguma maneira: é essa virtude especial e propriamente heroica que deve ser aqui o objeto das minhas pesquisas.

Nada é mais decisivo do que a ignorância, e a dúvida é tão rara entre o povo quanto a afirmação em meio aos verdadeiros filósofos. O preconceito vulgar desde muito tempo se pronunciou a respeito da questão que nós tratamos agora, e o valor guerreiro passa como a primeira virtude dos heróis para a maior parte dos homens. Ousemos chamar esse julgamento de cego perante o tribunal da razão; e que os preconceitos, frequentemente seus inimigos e mesmo seus conquistadores, aprendam a ceder-lhe a vez.

Não recusemos a primeira reflexão que esse assunto suscita e concordemos que os povos foram bastante inconsiderados em direcionar a sua estima e admiração para a valentia marcial ou, o que é uma incosequência bem odiosa de se acreditar, de que é pela destruição dos homens que os benfeitores do gênero humano anunciam o seu caráter. Seremos, ao mesmo tempo, desajeitados e infelizes se é somente pela força de nos machucar que alguém se torna capaz de excitar nossa admiração. Seria preciso acreditar, portanto, que se os dias de felicidade e de paz algum dia renascessem entre nós o heroísmo haveria de ser banido junto com o terrível cortejo de calamidades públicas e que, além disso, os heróis teriam de ser relegados ao templo de Jano, como se encerravam depois da guerra as velhas e inúteis armas dos nossos arsenais.¹²

Sei que a coragem está entre as qualidades que devem formar o grande homem, mas fora do combate o valor não é nada. O valente somente prova a si mesmo nos dias de batalha, o verdadeiro herói prova-se todos os dias e as suas virtudes, embora às vezes mostrem-se com alguma pompa, são mais frequentemente usadas sob um exterior mais modesto.

Ousemos dizê-lo; ao herói não é necessário que o valor seja a sua primeira virtude, e que é mesmo duvidoso que ele deva ser contado entre as virtudes. Como podemos honrar com esse título uma qualidade sobre a qual tantos celerados fundaram seus crimes? Não, sem que a mais inquebrantável intrepidez perfizesse a base de seu caráter, jamais os Catilinas nem os Cromwells teriam tornado seus nomes célebres, jamais um teria tentado arruinar sua pátria nem o outro submetido a dele. Com algumas virtudes a mais, dir-me-

¹² Plutarco conta na biografia de Numa que na Roma antiga o templo de Janos - localizado no Fórum - tinha duas portas, elas ficavam abertas em tempos de guerra e fechadas quando havia paz.

iam, eles teriam sido heróis. Que se diga antes: com alguns crimes a menos eles teriam sido homens.¹³

Não passarei em revista aqui o terror e flagelo do gênero humano, esses guerreiros funestos, homens ávidos por sangue e conquistas, cujos nomes não se pode pronunciar sem tremer: os Mários, os Totilas, os Tamerlões¹⁴. Não me valerei do justo horror que eles inspiraram nas nações; e qual a necessidade de recorrer a esses monstros para estabelecer que mesmo a valentia¹⁵ mais generosa é suspeita em seu princípio, muito variável nos seus exemplos e tanto mais funesta nos seus efeitos quanto não pertence à constância, à firmeza e as vantagens da virtude? Quantas ações memoráveis não foram inspiradas pela vergonha ou pela vaidade? Quantas façanhas, executadas sob a luz do sol, diante do olhar dos chefes e em presença de todo o exército, foram desmentidas no silêncio e no escuro da noite? Este é valente em meio aos seus companheiros, ele que não passará de um covarde quando for abandonado a si mesmo. Esse outro tem a compostura de um general quando jamais teve o coração de um soldado. Aquele, durante um confronto mortal enfrenta a espada do seu inimigo, mas no segredo da sua casa não poderia se sustentar de pé diante da aproximação do ferro salutar¹⁶ de um cirurgião.

Esse homem foi valente simplesmente em certo dia, diriam os espanhóis do tempo de Carlos V, e eles entendiam de valentia. De fato, nada pode ser mais variável do que esse valor e há poucos guerreiros sinceros que ousariam responder por si mesmos em um período de vinte e quatro horas. Ajax espanta Heitor, Heitor amedronta Ajax e foge diante de Aquiles.¹⁷ Antíoco, o Grande, foi valente a metade de sua vida e covarde a outra

¹³ Lúcio Sérgio Catilina (108 a.C.-62 a.C.), senador romano de bravura reconhecida no campo de batalha, era considerado cruel e lascivo, tendo sido acusado por deitar-se com uma virgem vestal, crime que implicava morte na Roma antiga. Depois de ter escapado da punição conspirou contra Roma tentando derrubar a República. Oliver Cromwell (1599-1658) nasceu na Inglaterra e foi um militar de bravura indiscutível, além de ter sido um político eficiente. Ele chegou a ser intitulado *Lord Protector of England and Ireland*, depois de ter dissolvido o Parlamento, em 1655. Cromwell também é conhecido por ter participado da tomada de decisão que culminou na decapitação do rei Carlos I, em 1649.

¹⁴ Caio Mário (157 a.C.-86 a.C.), nasceu em Arpino, foi muito bem-sucedido em suas funções político-militares, apesar de ter sido considerado um general cruel. Ele foi eleito mais de seis vezes para o cargo de Cônsul de Roma, além de ter criado brechas nas regras eleitorais que permitiram, posteriormente, seu descumprimento. Apoiado por Cornélio Cina, Mário foi responsável por muitas mortes entre a aristocracia romana, quando retomou o controle da cidade de Roma, que havia sido invadida por Sula. Totila foi rei dos ostrogodos e obteve sucesso invadindo Roma por duas vezes. Morreu durante uma batalha, em 552 d.C. A data de seu nascimento é desconhecida. Tamerlão (1336-1405) foi responsável pelo estabelecimento do segundo Império mongol, ampliando as suas fronteiras por meio de conquistas militares.

¹⁵ No original *'bravoure'*, no sentido de coragem (bravura), principalmente no campo de batalha.

¹⁶ Provavelmente Rousseau tinha em mente um instrumento médico feito de ferro, comumente aquecido por fogo, utilizado na época em operações cirúrgicas em que era necessário cauterizar um tecido.

¹⁷ Esses episódios são retratados na *Iliada*, de Homero. Ajax, herói grego participante da Guerra de Tróia, era determinado, forte, corajoso, leal e dotado de um físico impressionante. Sua aparição no campo de batalha era imediatamente percebida pelo inimigo. Somente Aquiles o superava. Heitor, herói e líder do exército

metade.¹⁸ O conquistador de três partes do mundo perde o coração e a cabeça em Farsália.¹⁹ César ele mesmo se encheu de emoção em Dirráquio e teve medo em Munda,²⁰ e o vencedor de Bruto evadiu-se covardemente diante de Otávio, abandonando a vitória e o império do mundo àquele que obteria dele um e outro.²¹ Acreditar-se-ia que é por falta de exemplos modernos que eu somente cito aqui os antigos?

Que não nos digam mais, portanto, que a palma heroica pertence somente à valentia e aos talentos militares. A reputação dos grandes homens não é de maneira nenhuma medida por meio de suas façanhas. Cem vezes os vencidos conquistaram o prêmio da glória sobre os vencedores. Que se recolha os sufrágios e que me digam qual é o maior, Alexandre ou Poro,²² Pirro ou Fabrício,²³ Antônio ou Bruto.²⁴ Francisco I atrás das grades ou Carlos V triunfante,²⁵ Valois conquistador ou Coligny vencido?²⁶

troiano, era tido por excelente líder, bom marido e pai amoroso. No Canto VII, da *Ilíada*, antes de entrar em batalha com Ajax, Heitor sentiu seu coração bater mais rápido. O duelo entre eles ganhou a noite e foi interrompido pelos deuses, que decretaram o empate. Os dois guerreiros, canta Homero, após a batalha trocaram presentes em sinal de respeito. Já no Canto XI, em um episódio que narra alguns avanços do exército troiano sobre os gregos, vemos Heitor acossar Ajax. No Canto XXII, por sua vez, quando do duelo entre Aquiles e Heitor, este se atemoriza e tenta fugir. Acabará, por fim, morrendo e tendo seu corpo profanado, até que seu pai suplique a Aquiles que lhe deixe realizar a cerimônia fúnebre de seu filho primogênito.

¹⁸ Antíoco, o Grande (242 a.C.-187 a.C.), nascido onde hoje se localiza o Irã, foi rei da Síria, expandiu o Império conquistando, por exemplo, a Palestina, então sob o domínio egípcio. Quando invadiu a Grécia foi derrotado e humilhado pelos romanos.

¹⁹ Rousseau fala possivelmente de Cneu Pompeu, também chamado de Pompeu, o Grande (108 a.C.-48 a.C.), político e general romano que morreu em batalha contra as forças de César, na cidade de Farsália, em 48 a.C.

²⁰ Caio Júlio César (100 a.C.-44 a.C.), ele foi derrotado pelas forças de Pompeu, na batalha de Dirráquio, forçado a abandonar o cerco; depois sentiu medo em Munda, quando suas tropas correram o risco de serem vencidas antes de conseguirem êxito sobre os filhos de Pompeu. Essa foi a última campanha militar de César.

²¹ Marco Antônio (83 a.C.-30 a.C.), venceu Bruto na batalha de Filipos, em 42 a.C. e depois, acompanhado por Cleópatra, fugiu covardemente de Otaviano, durante uma batalha naval em Ácio, no ano 31 a.C., tomando a direção de Alexandria.

²² Em 323 a.C. Alexandre, o Grande, derrotou o rei Poro, da Índia; no entanto, desgastados física e mentalmente, as tropas alexandrinas não desejavam prosseguir com a invasão, ansiosos em voltar para casa. A vitória, portanto, não lhe serviu de muita coisa. A história é narrada por Plutarco, em sua biografia de Alexandre.

²³ Pirro (319 a.C.-272 a.C.), rei de Épiro, grande general e opositor ferrenho dos romanos, obteve vitória em várias batalhas contra as tropas de Roma, porém, a grande custo. Fabrício, de virtude inquebrantável, negociou a paz com Pirro e chegou a recusar presentes por ele oferecidos. É o mesmo Fabrício que Rousseau faz falar, na famosa prosopopeia contida no *Discurso sobre as ciências e as artes*.

²⁴ A comparação coloca frente a frente Antônio e Bruto, o primeiro, partidário de César, que chegou a oferecer-lhe a coroa, a ele que vinha ganhando poderes comparáveis aos de um rei na República de Roma e o segundo que, por sua vez, participou do episódio em que os senadores romanos assassinaram César. Bruto terminou por se suicidar, em 42 a.C., após a derrota da batalha de Filipo, pois não queria sobreviver à

Que diremos desses grandes homens que são seguramente mais imortais por não terem sujado as mãos de sangue? O que diremos do legislador de Esparta que depois de ter provado o prazer de reinar teve a coragem de oferecer a coroa ao seu legítimo possessor, que ainda não havia reclamado por ela; desse doce e pacífico cidadão que soube vingar suas injúrias não pela morte do ofensor, mas tornando-o um homem honesto? Seria necessário desmentir o oráculo que quase lhe ofereceu honras divinas e recusar o heroísmo àquele que fez heróis todos os seus compatriotas?²⁷ Que diremos do legislador de Atenas, que soube manter sua liberdade e sua virtude mesmo na corte de tiranos, e ousou sustentar em face de um monarca opulento que a potência e as riquezas não tornam o homem feliz?²⁸ Que diremos do maior dos romanos e do mais virtuoso dos homens, desse modelo de cidadão, o único a quem o opressor da pátria honrou detestá-lo a ponto de escrever contra ele mesmo após sua morte? Faremos essa afronta ao heroísmo recusando esse título a Catão, o jovem? E, no entanto, esse homem não foi célebre nos combates e não recheou o mundo com o estardalhaço de suas façanhas. Engano-me; ele concretizou a façanha mais difícil e que jamais foi empreendida, a única que não será imitada, ele fez de um grupo de guerreiros uma sociedade de homens sábios, equânimes e modestos.²⁹

República. De fato, em 31 a.C. Otaviano recebeu do senado poderes absolutos e o título de Augusto, pondo fim à República.

²⁵ Carlos I (1500-1558), depois agraciado com o título de Carlos V, rei da Espanha, foi eleito Sacro Imperador romano-germânico. Governou energicamente e participou de muitas guerras. Em 1556 ele abdicou de todos os seus títulos. Antes disso, em fevereiro de 1525, havia derrotado as forças de Francisco I (1494-1547), fazendo-o prisioneiro. Em janeiro de 1526, devido às circunstâncias, Francisco I assinou o Tratado de Madrid, atestando que ele renunciava a algumas de suas possessões, como Milão e Borgonha. Contudo, logo que voltou para França, uma vez libertado, Francisco I revogou suas afirmações contidas no Tratado e recomeçou a guerra. Em pouco tempo, a vitória de Carlos V se mostrou nula.

²⁶ Carlos IX (1550-1574), da casa dos Valois, foi rei da França. O massacre da noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572, teve sua conivência, evento em que protestantes franceses foram assassinados por motivos religiosos. Morreu, sem deixar descendência, pouco tempo após o massacre da noite de São Bartolomeu. Gaspard de Coligny (1519-1572) foi um bravo almirante, convertido ao protestantismo, logo se tornou importante líder do grupo protestante, sendo uma das vítimas do massacre mencionado.

²⁷ Rousseau fala de Licurgo, legislador espartano. Ele teria devolvido a coroa ao seu sobrinho, Carilau; o cidadão doce e pacífico mencionado no texto é também Licurgo, que se tornou uma espécie de mentor de Alcandro, depois deste último lhe ter vazado um dos seus olhos acidentalmente. A anedota do oráculo é contada por Plutarco, na *Vida de Licurgo*, Capítulo 5. Ver também, no que diz respeito às referências de Rousseau a Licurgo, o *Contrato social*, L. II, Cap. 7.

²⁸ Trata-se de Sólon (693 a.C.-559 a.C.), que manteve sua virtude mesmo na corte do tirano Pisítrato, e defendeu, diante do faustoso rei Cresos, que a felicidade não é resultado das riquezas.

²⁹ Catão, o jovem (96 a.C.-46 a.C.), político do período de declínio da República romana, era considerado imune a subornos e reconhecido por sua tenacidade moral, foi muito requisitado por Rousseau como exemplo de virtude. Júlio César, após sua morte, publicou um livro chamado *Anti-Catão*.

Sabe-se muito bem que em matéria de valentia era pouco o quinhão de Augusto.³⁰ Não foi na costa do Ácio nem nas planícies de Filipo que ele recolheu os louros que lhe immortalizaram, mas na Roma pacífica e tornada feliz. Todo o universo submetido fez menos pela glória e pela segurança de sua vida do que a equidade de suas leis e o perdão de Cina, afinal as virtudes sociais presentes nos heróis são preferíveis à coragem! O maior capitão do mundo morreu assassinado em pleno senado por um pouco de arrogância indiscreta, por ter desejado acrescentar um vão título a um poder real, e o autor odioso das proscricções, erradicando seus crimes pela força da justiça e da clemência tornou-se o pai da Pátria que ele devastou. E uma vez morto foi adorado pelos romanos que ele submeteu.³¹

Quem de nós ousará retirar desses grandes homens a coroa de herói que orna as suas cabeças imortais? Quem ousará recusar a esse guerreiro filósofo e benfeitor que com suas mãos acostumadas ao manejo das armas, tira de vosso seio as calamidades de uma longa e funesta guerra, e faz brilhar em vosso meio, com magnificência Real, as ciências e as belas-artes?³² Ó espetáculo digno de tempos heroicos! Vejo as Musas com todo seu brilho marcharem em passo firme por entre seus batalhões; Apolo e Marte coroam-se reciprocamente, e sua ilha ainda fumegando a devastação do relâmpago, desafia doravante o trovão, protegida por esse duplo laurel. Decidam-se, portanto, cidadãos ilustres, quem mais merece a palma heroica: os guerreiros que se apressam em vossa defesa ou os sábios que se preocupam unicamente com a sua própria felicidade. É melhor poupar-se de uma escolha inútil porque segundo esse critério as mesmas cabeças serão coroadas por esse duplo título.

Aos exemplos que se apresentam em grande número e que não me é possível esgotar acrescentemos algumas reflexões que confirmam as induções que quero extrair. Atribuir o primeiro lugar à valentia em se tratando do caráter heroico é dar ao braço que executa a preferência sobre a cabeça que planeja. Entretanto, encontram-se mais facilmente braços do que cabeças. Pode-se confiar a outros a execução de um grande projeto sem perder o mérito principal, mas executar o projeto de outro é entrar voluntariamente em uma ordem subalterna, o que não convém ao herói.

Assim, qualquer que seja a virtude que o caracterize, ela deve anunciar o gênio e ser-lhe inseparável. As qualidades heroicas têm seu germe no coração, mas é na cabeça que elas se desenvolvem e ganham solidez. A alma mais pura pode se desviar da rota do bem

³⁰ Otaviano (63 a.C.-14d.C.), depois agraciado pelo senado romano com o título de Augusto Cesar, não obteve glória imortal na costa do Ácio onde ele venceu Marco Antônio e Cleópatra, nem mesmo nas planícies de Filipo, onde suas forças derrotaram as de Bruto e Cássio, em 42 a.C., mas pela equidade de suas leis e pelo perdão concedido a Cina, bisneto de Pompeu que conspirou contra ele. Em relação a esse episódio do perdão, Corneille, dramaturgo francês, escreveu uma peça muito conhecida intitulada *Cina*.

³¹ Trata-se de Júlio César, que foi assassinado dentro do senado pelos próprios senadores por volta de 43 a.C. A lista das proscricções, publicada por Otaviano, juntamente com Lépido e Antônio, resultou na morte de cerca de trezentos senadores.

³² Trata-se do Marquês de Cursay, aquele que ajudou a pacificar a Córsega, em 1748.

se o espírito e a razão não a guiam, e todas as virtudes alteram-se sem o auxílio da sabedoria. A firmeza degenera facilmente em obstinação, a doçura em fraqueza, o zelo em fanatismo e o valor em ferocidade. Frequentemente, um empreendimento mal planejado causa mais dano ao responsável por seu fracasso do que honra, no caso de um sucesso merecido; pois o desprezo é ordinariamente mais forte do que a estima. Para estabelecer uma reputação brilhante, parece mesmo que os talentos servem mais facilmente de suplemento às virtudes do que as virtudes de suplemento aos talentos. O soldado do Norte, com um gênio estreito e uma coragem sem limites, perde irremediavelmente no meio de sua carreira uma glória adquirida por prodígios de valentia e de generosidade.³³ E é ainda duvidoso, em acordo com a opinião pública, se o assassino de Charles Stuart, apesar de todos os seus crimes, não foi um dos maiores homens que jamais existiu.³⁴

A valentia tira sua forma particular do caráter de quem a possui, de modo que ela não constitui o caráter de alguém. Em uma alma virtuosa a valentia torna-se virtude e em um homem malvado ela se transforma em vício. O cavaleiro Bayard e Cartouche foram valentes, mas alguém acreditará que eles eram semelhantes?³⁵ A valentia é suscetível de todas as formas, ela é generosa ou brutal, estúpida ou esclarecida, furiosa ou tranquila segundo a alma de quem o possui. Ela é a espada do vício ou o escudo da virtude segundo as circunstâncias; ela não é a virtude mais necessária ao herói porque não anuncia necessariamente nem a grandeza de alma nem a de espírito. Perdoem-me, povo violento e infortunado, que por muito tempo preencheu a Europa com o ruído das suas façanhas e das suas infelicidades. Não, não é para a valentia dos concidadãos que verteram seu sangue em nome de seu país que atribuirei a coroa heroica, mas ao seu ardente amor pela Pátria e à sua invencível constância na adversidade. Para serem herói com tais talentos eles não precisariam ter valentia.

Ataquei uma opinião perigosa e muito disseminada, não tenho as mesmas razões para seguir em todos os seus detalhes o método de exclusão. Todas as virtudes nascem das diferentes relações que a sociedade estabeleceu entre os homens. O número dessas relações é quase infinito. Que tarefa seria, portanto, percorrê-las todas? Ela seria imensa porque há entre os homens tantas virtudes possíveis quantos vícios reais. Ela seria supérflua, porque no número de virtudes grandes e difíceis que são necessárias ao herói para comandar bem, não se saberá compreender como necessárias o grande número de virtudes ainda mais difíceis que a multidão tem necessidade para obedecer. Um homem brilhou em primeiro lugar, quando se tivesse nascido em último teria morrido de modo obscuro, sem ter sido notado.

³³ Talvez Rousseau se refira a Carlos XII (1682-1718), rei da Suécia que, após ter vencido o rei da Dinamarca e também o rei da Rússia, Pedro, o Grande, empreendeu outra luta contra ele, resultando em sua derrota e no enfraquecimento da Suécia.

³⁴ Trata-se de Oliver Cromwell.

³⁵ O cavaleiro Bayard ou Pierre du Terrail (1473-1525), soldado francês conhecido por suas façanhas devido à ausência de medo. Cartouche se chamava Louis Dominique Bourguignon (1693-1721), foi um famoso líder de bandidos que atuava na região de Paris. Acabou sendo preso e condenado à morte.

Não sei o que teria acontecido a Epiteto³⁶ caso tivesse sido colocado por sobre o trono do mundo, mas bem sei que no lugar dele César não teria passado de um pobre escravo.

Limitemo-nos, portanto, em nome da brevidade, às divisões estabelecidas pelos filósofos e nos contentemos em percorrer as quatro principais virtudes às quais se relacionam todas as outras, confiantes de que não é pelas qualidades acessórias, obscuras e subalternas que se deve procurar a base do heroísmo.

Diremos, contudo, que a justiça seja essa base enquanto a maioria dos grandes homens fundou sobre a injustiça o monumento da sua glória? Uns, embriagados de amor pela pátria, não encontraram nada que fosse ilegítimo quando o assunto era servi-la e não hesitaram em empregar para vantagem dela meios odiosos que a suas almas generosas nunca teriam empregado para benefício próprio. Outros, devorados pela ambição só trabalharam para colocar o seu país em grilhões. O ardor da vingança levou outros a traírem-na, outros foram ávidos conquistadores, usurpadores habilidosos; outros ainda não tiveram vergonha de tornarem-se os Ministros da tirania alhures. Houve quem desprezasse seus deveres, outros brincaram com sua fé; houve ainda os que foram injustos por sistema ou por fraqueza, a maior parte por ambição: todos alcançaram a imortalidade.

A justiça não é, portanto, a virtude que caracteriza o herói, e não faremos melhor elencando a temperança ou a moderação. Foi por terem carecido dessa última virtude que os homens mais célebres se tornaram imortais, e o vício oposto à temperança não impediu ninguém de se tornar imortal. Nem mesmo Alexandre, cujo vício terrível derramou o sangue do seu amigo. Nem mesmo César, a quem todas as dissoluções da sua vida não lhe tiraram um único altar depois de sua morte.³⁷

A prudência é antes uma qualidade do espírito do que uma virtude da alma. Mas, de qualquer maneira que a abordemos, encontramos nela sempre mais solidez do que brilho, e ela serve mais para fazer valer as outras virtudes do que para brilhar por si mesma. A prudência, diz Montaigne, é tenra e circunspecta, inimiga mortal das altas execuções e de todo ato verdadeiramente heroico. Se ela previne os grandes erros, ela prejudica os grandes empreendimentos,³⁸ pois há poucos empreendimentos que não entregam à sorte muito mais do que conviria ao homem sábio. Ademais, o caráter do heroísmo é o de levar ao mais alto grau aquelas virtudes que lhes são próprias. Entretanto, nada se aproxima mais da pusilanimidade do que uma prudência excessiva, e dificilmente um homem se eleva por sobre os outros sem, por vezes, pisotear a razão humana deixando-a sob seus pés. A prudência ainda não é, portanto, a virtude característica dos heróis.

³⁶ Epiteto (55? d.C.- 135? d.C.), foi um filósofo estoico, feito escravo em Roma. Obteve sua liberdade aproximadamente no ano 68 d.C.

³⁷ Alexandre, bêbedo, acabou matando seu amigo Kleitos, sem motivo justificável, ele que salvara a vida do Imperador em 334 a.C. Ao que parece, o mesmo episódio é comentado no *Emílio*, Livro IV, mas ganhando outra perspectiva. As atitudes questionáveis de César serão relatadas no texto mais abaixo.

³⁸ Ver os *Ensaíos* de Montaigne, I, Cap. XXIII.

A temperança o é ainda menos; ela que representa a virtude que o próprio heroísmo - essa busca intemperante por glória - parece excluir. Onde estão os heróis que não foram aviltados por algum excesso de qualquer espécie que seja? Dizem que Alexandre foi casto, mas ele foi sóbrio? Rival do primeiro conquistador da Índia, ele não acabou por imitar suas dissoluções? Não foi ele quem as reuniu quando, depois de ser instigado por uma cortesã, queimou o palácio de Persépolis? Ah, se ele ao menos tivesse uma amante! Em sua funesta malignidade ele não teria assassinado seu amigo. César foi sóbrio, mas foi casto, ele que fez conhecer em Roma prostituições incríveis e amava homens e mulheres a seu bel prazer? Alcibíades³⁹ tinha todos os tipos de intemperança e nem por isso deixou de ser um dos grandes homens da Grécia. O velho Catão amava o dinheiro e o vinho,⁴⁰ tinha vícios ignóbeis e foi admirado pelos romanos. Ora, esse povo estava familiarizado com a glória.

O homem virtuoso é justo, prudente, moderado, sem ser por isso um herói. Muito frequentemente o herói não tem nenhuma das qualidades citadas. Não tenhamos receio de convir: é frequentemente devido ao desprezo por essas virtudes que o heroísmo ganha seu brilho. Que viria a ser de César, Alexandre, Pirro, Aníbal,⁴¹ encarados por essa perspectiva? Com alguns vícios a menos eles poderiam ter sido menos célebres, pois a glória é o prêmio do heroísmo, mas é preciso um de outro quilate para a virtude.

Se fosse preciso distribuir as virtudes para as pessoas que lhes são mais adequadas, indicaria ao homem de Estado a prudência, para o cidadão a justiça, ao filósofo moderação, quanto à força de alma eu a entregaria para o herói, e ele não teria do que se queixar.

De fato, a força é o verdadeiro fundamento do heroísmo, ela é a fonte ou o complemento das virtudes que a compõem e é ela que torna o herói apto para as grandes coisas. Reúna à vontade qualidades que podem concorrer para formar o grande homem, se não for acrescentada força para animá-las, elas se transformarão todas em langor e o heroísmo desaparecerá. A força da alma sozinha, ao contrário, dá necessariamente um grande número de virtudes heroicas para aquele que dela é dotado e complementa todas as outras.

Do mesmo modo que alguém pode empreender ações virtuosas sem ser virtuoso, pode-se realizar grandes ações sem ter direito ao heroísmo. O herói não realiza sempre grandes ações, mas ele está sempre pronto diante da necessidade e se mostra grande em

³⁹ Alcibíades (450 a.C.-404 a.C.) aparece como personagem no diálogo de Platão chamado *O Banquete*. Ilustre entre os atenienses, ele tinha um comportamento questionável, mas ainda assim foi bem-sucedido tornando-se um dos grandes homens da Grécia.

⁴⁰ Catão, o velho (234 a.C.-149 a.C.), político romano, grande orador e historiador, era considerado conservador por defender os antigos costumes contra a influência grega em Roma.

⁴¹ Aníbal (248 a.C.-182 a.C.) nascido em Cartago, foi um grande militar, considerado um dos maiores estrategistas da história. Envolveu-se em conflitos com Roma, obtendo admiráveis vitórias, ainda que tenha sido derrotado. Maquiavel chega a mencionar sua crueldade no livro *O Príncipe*, Capítulo XVII.

todas as circunstâncias de sua vida: eis o que o distingue do homem vulgar. Um enfermo pode tomar da pá e laborar a terra por alguns momentos, mas ele se fatiga e se exaure dentro em breve. Um robusto trabalhador não suporta grandes trabalhos sem pausa, mas ele poderia fazer isso sem se incomodar; ele tem esse poder por meio da força corporal. A força da alma é a mesma coisa, ela consiste em sempre poder agir fortemente.

Os homens são mais cegos do que malvados e há mais fraqueza do que malignidade em seus vícios. Enganamos-nos a nós mesmos antes de enganar o outro, e nossas faltas advêm dos nossos erros. Nós as cometemos quase somente porque nos deixamos levar pelos interesses mesquinhos que nos fazem esquecer as coisas mais importantes e mais longínquas. Vem daí toda a pequenez que caracteriza o vulgo, a inconstância, a ligeireza, o capricho, a trapaça, o fanatismo e a crueldade: vícios que têm como fonte a fraqueza da alma. Ao contrário, tudo é grande e generoso em uma alma forte, porque ela discerne o belo do especioso, a realidade da aparência e se fixa em seu objeto com essa firmeza que desvia das ilusões e ultrapassa os maiores obstáculos.

É assim que um juízo incerto e um coração facilmente seduzível tornam os homens fracos e pequenos. Para ser grande é preciso unicamente tornar-se senhor de si. É dentro de nós mesmos que estão os nossos mais temíveis inimigos e quem quer que saiba combatê-los e derrotá-los terá feito mais pela sua glória, no juízo dos sábios, do que se tivesse conquistado o universo.

Eis o que produz a força da alma; é assim que ela pode esclarecer o espírito, ampliar o gênio e fornecer a todas as outras virtudes sua energia e vigor. Ela pode mesmo compensar as que nos faltam, pois aquele que não for nem corajoso, nem justo, nem sábio, nem moderado por inclinação o será, no entanto, pela razão. Tão logo tenha sobrepujado suas paixões e derrotado seus preconceitos perceberá o benefício de se portar de tal maneira, tão logo ele se convença de que não pode alcançar sua felicidade a não ser trabalhando em prol da felicidade dos outros. A força é, pois, a virtude que caracteriza o heroísmo, posição que é corroborada pelas reflexões de um grande homem, por meio de um argumento irrespondível: as outras virtudes, diz Bacon, nos livra da dominação dos vícios, somente a força nos preserva da dominação da fortuna.⁴² De fato, quais são as virtudes que não necessitam de determinadas circunstâncias para serem colocadas em prática? De que serve a justiça entre tiranos, a prudência em meio a insensatos e a temperança na miséria? No entanto, todos os acontecimentos honram o homem forte, a felicidade e a adversidade servem igualmente para a sua glória, e encarcerado, ele não reina menos do que entronado. O martírio de Régulo em Cartago, o festim de Catão rejeitado do consulado, o sangue frio de Epiteto estropiado pelo seu mestre⁴³ não são menos ilustres

⁴² Provavelmente Rousseau tem em vista o ensaio de Francis Bacon intitulado *Of adversity*.

⁴³ Marco Atílio Régulo foi eleito Cônsul romano em 267 a.C. e uma segunda vez em 256 a.C. Atuando como general, foi responsável por várias vitórias romanas, no entanto, quando da primeira Guerra Púnica (conflito entre Roma e Cartago), acabou sendo feito prisioneiro junto com centenas de compatriotas. Ele mesmo foi

do que os triunfos de Alexandre e César. E se Sócrates tivesse morrido em seu leito, talvez hoje em dia poder-se-ia questionar se ele não teria sido meramente um hábil sofista.

Depois de ter determinado a virtude mais própria ao herói deveria falar ainda daqueles que alcançaram o heroísmo sem possuí-la. Mas como poderiam conquistar esse título sem a parte que sozinha constitui o verdadeiro herói e que lhe é essencial? Nada tenho nada dizer sobre o ponto e isso representa o triunfo da minha causa. Entre os homens célebres, cujos nomes foram inscritos no Templo da Glória, alguns careceram de sabedoria e outros de moderação; houve ainda os que foram cruéis, injustos, imprudentes e pérfidos: todos tinham fraquezas, nenhum deles foi um homem fraco. Em uma palavra, alguns grandes homens podem ter faltado todas as outras virtudes, mas nunca houve um herói desprovido de força de alma.

até Roma negociar o resgate dos soldados, clamando que o senado negasse os termos dos cartagineses. Como prometido, ele voltou para o solo inimigo, mantendo-se firme em relação à sua palavra. Ele acabou sendo torturado até a morte. Esse gesto foi durante muito tempo lembrado como sendo um exemplo máximo de resistência e retidão. Régulo morreu em 250 a.C. Alguns relatos contam que Epiteto manteve a calma e altivez mesmo quando seu mestre estropiou violentamente sua perna. Note-se que Epiteto era escravo.